

Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós-graduação em comunicação no Brasil e no México: uma aproximação da análise comparativa

■ RAÚL FUENTES NAVARRO *

RESUMO

No presente artigo são contextualizados e comparados alguns dados que dizem a respeito aos autores mais freqüentemente citados nas teses dos programas de pós-graduação em comunicação no México e no Brasil, e são propostas, para levar em discussão, algumas hipóteses sobre os processos e fatores de estruturação do campo acadêmico da comunicação, especialmente no que se refere à definição de sub-campos especializados ou à re-afirmação de traços de fragmentação, desde a prática de pesquisa acadêmica nas instituições mexicanas e brasileiras.

Palavras-chave: campo acadêmico, Programas de pós-graduação, bibliometria, México, Brasil.

ABSTRACT

Two sets of data related to the most frequently cited authors in Mexican and Brazilian communication graduate theses are contextualized and compared in this article, and some hypotheses are derived and presented for discussion, concerning the processes and factors that determine the structuration of communication academic field, particularly on the definition of specialized sub-fields or the reaffirmation of trends towards fragmentation, all of this departing from the academic research practice institutionalized in Mexican and Brazilian universities.

Key words: academic field, Graduate programs, bibliometrics, Mexico, Brazil.

* Mexicano, Doutor em Ciências Sociais. Professor-pesquisador do Departamento de Estudos Sócio-Culturais do ITESO (Guadalajara, Jal.). Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores (Nível III) e da Academia Mexicana de Ciências. Coordenador do Doutorado em Estudos Científico-Sociais do ITESO. Seu livro mais recente é *Instituciones y redes académicas para el estudio de la comunicación en América Latina* (ITESO, 2006). raul@iteso.mx

P

Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós graduação em comunicação no Brasil e no México: uma aproximação da análise comparativa

1. O conceito meta-pesquisa refere-se à pesquisa sobre a pesquisa; mas se considerarmos que, como toda ciência social, a pesquisa da comunicação está determinada por uma “dupla hermenêutica” (Giddens, 1984), uma vez que encerra uma interpretação de interpretações, abre-se uma dupla possibilidade: considerar a meta-pesquisa como pesquisa de terceiro grau (interpretação de interpretações de interpretações), ou bem, considerar a pesquisa da comunicação como uma prática social de comunicação institucionalizada, equiparável com outras práticas sociais de comunicação. Nesse sentido, a meta-pesquisa da comunicação é também pesquisa da comunicação, e do mesmo modo que na “semiótica de segunda ordem” ou semiótica da ciência de Klaus Bruhn Jensen (1995), ou na “sociologia da sociologia” de Bourdieu (1988), exige o uso dos melhores recursos de uma ciência para a análise de si mesma.

2. Esse projeto que tem por título *A constituição científica do campo acadêmico da comunicação no México e no Brasil: análise comparativa*, tem um prazo de realização de três anos (2005-2008) e é apoiado pelo Fundo de Ciência Básica do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CONACYT) (47377 H). Outros avanços exploratórios e em boa parte descritivos desse projeto foram publicados em *Comunicación y Sociedad* (Fuentes, 2007a) e na *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* (Fuentes, 2007b).

A META-PESQUISA¹ DOS ESTUDOS de comunicação tem se transformado nos últimos anos numa especialidade indispensável para o reconhecimento dos processos de institucionalização, profissionalização e legitimação dessa área acadêmica, e para subsidiar “mapas” heurísticos que facilitem, aos agentes responsáveis pelo seu gerenciamento e desenvolvimento, a interpretação crítica que a determina. Em quase todos os países onde são cultivados universitariamente os estudos sobre «comunicação», é possível encontrar projetos de pesquisa que constroem como objeto algum aspecto, dimensão ou relação dessa estrutura acadêmica.

Um caso exemplar deste crescente interesse por satisfazer a necessidade de auto-conhecimento é o projeto: *Mapping Communication and Media Research*, do Centro de Pesquisa de Comunicação da Universidade de Helsinque, que em junho de 2007 começou a publicar seus resultados [<http://www.valt.helsinki.fi/blogs/crc/en/mapping.htm>]. Esse projeto financiado pela Helsingin Sanomat Foundation, investiga os conteúdos e tendências atuais na pesquisa em comunicação e mídias em sete países: Finlândia, Estados Unidos, Alemanha, França, Japão, Estônia e Austrália. O objetivo é mapear as principais instituições e organizações, aproximações e características nacionais da pesquisa em comunicação e sobre os meios em cada país. Cada um dos cinco relatórios já publicados na íntegra (sobre Finlândia há somente um *abstract* e está ainda faltando o correspondente à Austrália), é assinado por pesquisadores finlandeses (Aslama et al, 2007; Koivisto et al, 2007; Puustinen, 2007; Salovaara-Moring et al, 2007; Valaskivi, 2007), em alguns casos auxiliados por associados locais, ainda que a maior parte da informação provenha de fontes secundárias. Com isso, o ponto de vista resulta homogêneo e baseado na experiência e expectativas dos países nórdicos.

Entretanto, o panorama que oferece cada um e o conjunto dos relatórios sobre as condições de desenvolvimento da pesquisa em comunicação e sobre meios nos países estudados, permite estabelecer com relativa precisão algumas semelhanças e notáveis diferenças em relação aos países latino-americanos, entre os quais, sem dúvida alguma, as estruturas institucionais mais sólidas encontram-se no Brasil e no México. Embora a análise desses traços, fundados nos relatórios finlandeses, deva ser desenvolvida em outro momento, vale a pena salientar que o «campo acadêmico» da comunicação enfrenta, de diversas formas, e em muitos lugares, uma série de desafios entre os quais a «fragmentação» ocupa o lugar central. Diante dessa preocupação, explícita e generalizada mas insuficientemente documentada e explicada, a «auto-reflexão» sistemática

e crítica transforma-se em necessidade acadêmica urgente face ao crescimento quantitativo do próprio campo e ao alargamento da consciência pública sobre «comunicação».

Este artigo apresenta-se como uma continuidade do projeto de pesquisa (com características de meta-pesquisa fundada numa perspectiva sócio-cultural) formulado e desenvolvido pelo autor com o objetivo geral de

analisar comparativamente a constituição de redes científicas e núcleos de especialização, através da identificação de convergências temático-referenciais e teórico-metodológicas nas teses dos cursos de pós-graduação, no marco dos processos de institucionalização, profissionalização e legitimação do campo acadêmico da comunicação no México e no Brasil (Fuentes, 2004)².

Logo após uma sucinta contextualização, são comparados alguns dados que dizem respeito aos autores mais freqüentemente citados nas teses dos programas de pós-graduação em comunicação no México e no Brasil, para, por fim, colocar em discussão algumas hipóteses sobre os processos e agentes de estruturação do campo acadêmico da comunicação, especialmente no que se refere à definição de sub-campos especializados ou à reafirmação de traços de fragmentação, desde a prática (mais do que desde o aspecto discursivo) de pesquisa acadêmica nas instituições mexicanas e brasileiras³.

A decisão de centrar a análise nas teses dos cursos de pós-graduação⁴ foi orientada pelo pressuposto de que elas explicitam as fontes bibliográficas e os procedimentos metodológicos com mais rigor do que outras produções de pesquisa acadêmica, além de representarem a instância fundamental de objetivação dos processos de reprodução e renovação de um campo acadêmico. Todavia, a informação obtida a partir da análise bibliométrica e de citações das teses deverá ser «cruzada» com dados provenientes de outras fontes (livros, periódicos, planos de estudo) a fim de poder ser devidamente interpretada e contextualizada, especialmente na fase comparativa internacional⁵. Será especialmente interessante observar as correspondências que possam existir entre a definição institucional das especializações de pesquisa e a referência a «corpos» de conhecimento objetivados bibliograficamente (e através dessa objetivação, observar distinções epistemológicas, teóricas e metodológicas). Por conseguinte, hipoteticamente, disporíamos de requintados instrumentos de reconhecimento das pautas concretas que fazem à constituição «disciplinar» ou «transdisciplinar» dos estudos sobre comunicação nesses países.

3. Os dados mais recentemente disponibilizados indicam que no Brasil há 27 programas de mestrado e 13 de doutorado em Comunicação operando em junho de 2007, dos quais a CAPES avalia 14 mestrados e 13 mestrados/doutorados [http://servicos.capes.gov.br]. No México, em 2004, havia 33 programas de mestrado e 1 de doutorado em Comunicação [http://www.anuiex.mx], dos quais CONACyT avaliava somente 5 mestrados. [http://www.conacyt.mx].

4. Ou seja, dos produtos formais de pesquisa necessários para atender a titulação de Mestrado e Doutorado em programas de Comunicação. A partir disso, é preciso esclarecer uma diferença comparativa entre México e Brasil, porque os produtos que no México são conhecidos como “teses” tanto para mestrados quanto para doutorados, no Brasil são chamados de “teses” de doutorado e “dissertações” de mestrado (ao invés dos termos utilizados nos países anglo-saxões).

5. No Brasil, os programas de pós-graduação em Comunicação são claramente distinguíveis conforme sua adscrição institucional. No México, isso acontece apenas para os mestrados, uma vez que os doutorados se desenvolvem no seio de programas mais genéricos (Ciências Sociais, Educação, Ciências Políticas) que incluem áreas de especialização ou de “concentração” em Comunicação.

AUTORES MAIS FREQUENTEMENTE CITADOS NAS TESES DE PÓS-GRADUAÇÃO

Como parte da sua tese doutoral, Richard Romancini (2006) realizou uma análise da bibliografia das teses e dissertações apresentadas em 18 programas brasileiros de pós-graduação em comunicação⁶ com o intuito de encontrar indicadores do “capital científico” (Bourdieu, 1983) constitutivo do campo acadêmico⁷. Levando em consideração a grande quantidade de produções que têm sido geradas nas universidades brasileiras (cinco mil, aproximadamente), e a necessidade de construir as bases de dados para cumprir tais objetivos, Romancini trabalhou em base em *corpus* de 491 teses e dissertações apresentadas durante o ano de 2004 para viabilizar a análise, sem perder representatividade nem actualidade⁸. O total de «citações» (obras referenciadas na bibliografia) foi de 51.472, sendo a média de 73,5 para as dissertações de mestrado e de 153,3 para as teses de doutorado (média geral de 99,2) (Romancini, 2006: 233). Como é de praxe nas ciências sociais e humanas⁹, mais da metade das obras referenciadas são livros: Romancini encontrou uma média geral de 61%, considerando os livros uniautorais, os multiautorais e os livros coletivos (organizados ou coletâneas).

É notável que, nos cinco períodos de abrangência da análise de citações do Romancini (2006:238), a proporção de autores nacionais e estrangeiros citados é flutuante: em 1977 foi de 43,0/57,0; em 1983 de 53,0/47,0; em 1990 de 50,9/49,1; em 1997 de 40,1/59,9; e em 2004 de 48,0/52,0. Diante do fato de não ter sido detectada nenhuma tendência estável a respeito da recorrência preferencial pelos autores nacionais ou estrangeiros nas teses e dissertações de comunicação, pode-se especular (em relação a outros dados) que as tendências de «internacionalização» do campo mantém uma relação de tensão com as tendências de «independência intelectual»¹⁰. O que é incontestável é o aumento constante da produção acadêmica, tanto da «nacional» quanto da «internacional», em termos absolutos.

Independentemente das amplas divergências evidenciadas por Romancini (2006: 239) quanto à proporção de autores nacionais e estrangeiros citados nas teses e dissertações segundo a universidade em que foram apresentadas¹¹, os índices referentes ao nível nacional revelam uma grande presença de autores estrangeiros entre os mais citados. Na Tabela N° 1 apresentam-se (reformata-dos¹²) os dados coletados por Romancini (2006: 244-245):

Os comentários analíticos de Romancini a respeito dos seus dados são sucintos, entretanto, abrem interpretações interessantes que poderão ser ainda mais bem desenvolvidas no momento da comparação com os dados mexicanos:

6. Os programas que para então contavam com a avaliação da CAPES (Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior).

7. Um projeto comparativo internacional significa a utilização (e muitas vezes, o estabelecimento) de redes de colaboração acadêmica de diversos tipos. Anos atrás, quando iniciou-se esse projeto, conheci o projeto de tese doutoral do Richard Romancini através da sua orientadora na ECA-USP, a Maria Immacolata Vassallo de Lopes, estimadíssima colega no pessoal e no acadêmico, com quem tenho compartilhado interesses de pesquisa desde quase duas décadas. Hoje, o concluído e bem sucedido trabalho de Romancini, contribui para o projeto como a “contrapartida” brasileira, altamente qualificada e muito compatível analiticamente. Além de outras fontes primárias e secundárias sobre o campo acadêmico no Brasil, a meados de 2006, incorporou-se no projeto outro estudante brasileiro de pós-graduação, Paulo Maia, quem de Guadalajara colabora com sua tese de mestrado em andamento e que tem por título: *La reproducción de conocimiento e os objetos de pesquisa da Comunicação no Brasil*.

8. Ainda assim, para atender os objetivos da análise, Romancini analisou também as teses e dissertações dos anos: 1977, 1983, 1990 e 1997.

9. Ao contrário das disciplinas científico-naturais, cuja estrutura de citações privilegia os artigos de periódicos, nas ciências sociais e humanas, os livros são os principais meios de comunicação acadêmica. Os livros, ao contrário dos

TABELA N° 1

Autores mais citados dentro de um *corpus* de 491 teses e dissertações brasileiras defendidas em 2004 (Romancini, 2006)

N.	Autores nacionais	Cit.	Autores estrangeiros	Cit.
1			MORIN, Edgar	372
2			LÉVY, Pierre	247
3			BARTHES, Roland	230
4			ECO, Umberto	208
5			BOURDIEU, Pierre	205
6			FOUCAULT, Michel	198
7			MARTÍN-BARBERO, Jesús	183
8			GARCÍA-CANCLINI, Néstor	173
9			DELEUZE, Gilles	171
10			BAKTHIN, Mikhail	153
11			HALL, Stuart	151
12			BAUDRILLARD, Jean	145
13			CASTELLS, Manuel	143
14	ORTIZ, Renato	135		
15			BENJAMIN, Walter	133
16			MATTELART, Armand	124
17	ORLANDI, Eni	110		
18			MAFFESOLI, Michel	106
19			MCLUHAN, Marshall	100
20			ADORNO, Theodor	98
21			GREIMAS, Algirdas	98
22			HABERMAS, Jürgen	97
23			GUATTARI, Félix	92
24			VERÓN, Eliseo	89
25			RODRIGUES, Adriano Duarte	87
26			THOMPSON, John B.	86
27			AUMONT, Jacques	84
28	FREIRE, Paulo	77		
29			GIDDENS, Anthony	76
30			MATTELART, Michèle	73
31			FREUD, Sigmund	71
			PEIRCE, Charles Sanders	71
			WOLF, Mauro	71
34	CHAUÍ, Marilena	67		
			LANDOWSKI, Eric	67
36	SANTOS, Milton	65		
37	RUBIM, Antonio Albino C.	63		
			BAUMAN, Zygmunt	63
39			JAMESON, Fredric	61
40			KOTLER, Philip	59
			SANTOS, Boaventura Sousa	59
42	LAGE, Nilton	57		
43	FIORIN, José Luis	55		
			MAINGUENEAU, Dominique	55
45			TRAQUINA, Nelson	54
46			ARNHEIM, Rudolf	53
47			LIPOVETSKY, Gilles	52
			HARVEY, David	52
49			HOBBSAWM, Eric	50
			WILLIAMS, Raymond	50
51			CERTEAU, Michel De	49
52	CAMPOS, Haroldo de	48		
53	BUCCI, Eugenio	47		
			WOLTON, Dominique	47
55	BARROS, Diana Pessoa L.de	46		

periódicos, têm um caráter predominantemente transdisciplinar, conforme tem sido demonstrado por diversas análises bibliométricas internacionais. As implicações disso, ainda serão exploradas nas análises quantitativas e qualitativas desses campos acadêmicos (Hicks, 2004: 6-8), tanto quanto nas políticas institucionais de avaliação da "produtividade" e o "impacto" científicos.

10. Embora até o momento não tenham sido encontrados dados consolidados para estabelecer um comparativo, surpreende a fraca presença de autores "estrangeiros" na pesquisa da comunicação realizada nos Estados Unidos e, atualmente, em países "centrais" como a França e a Alemanha. (Koivisto, 2007; Puustinen, 2007). As "barreiras" linguísticas são, sem dúvida, um factor determinante, e portanto, deveriam ser avaliadas as políticas de tradução das editoriais acadêmicas nas diversas épocas e países, como é sugerido neste artigo mais na frente. Os dados de Romancini (2006: 236), indicam que cerca de 80 % das obras citadas no Brasil estavam escritas em português, e os dados mexicanos respondem na mesma proporção a respeito dos textos em espanhol.

11. Os dados indicam uma faixa de variação representativa: desde a proporção de 61,5 nacionais/38,5 estrangeiros na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) até o caso inverso, 39,0/61,0, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

12. Foi adotado um formato diferente daquele utilizado por Romancini, que apresenta tabelas separadas para os autores nacionais e estrangeiros com maior informação da que aqui é recuperada, em função da comparação com os dados mexicanos.

A Tabela [...] mostra alguns autores identificados, por sua produção científica, com a comunicação que, circunstancialmente não pertenciam a programas de pós-graduação em comunicação. Mas há também autores de outros campos, como a sociologia, com o destaque para Ortiz, o mais citado dentre esses autores, Orlandi, da área da lingüística, a segunda, a filósofa Chauí e o geógrafo Milton Santos. Poderiam ser tirados outros exemplos dessa tabela, porém, esses são suficientes para mostrar um aspecto interessante que aparece aqui que é o diálogo entre disciplinas diversas com a comunicação [...]

A Tabela [...] evidencia um padrão de citações de autores estrangeiros, em 2004, que tendeu também a estabelecer relações com vários âmbitos disciplinares, provavelmente em função da natureza com que o campo se estrutura no Brasil. [...] É plausível supor que tais autores estrangeiros, sobretudo os do topo da tabela, têm formado uma espécie de «base comum» para o campo da comunicação no Brasil. O fato de boa parte deles serem antes pensadores e teóricos sociais, como Morin (bem citado em vários programas de pós-graduação) Levy, Barthes, Eco, do que autores de contribuição mais específica, reforça essa interpretação. Poucos autores são identificados com um grau de reflexão mais especificamente midiática, embora os objetos da comunicação sejam tema de vários desses autores (Romancini, 2006: 244 e 246).

Encontramos nessas citações um filão interpretativo central para apreciar o grau de correspondência entre os recursos utilizados (e o modo de usá-los) para sustentar e fazer avançar a pesquisa numa área que institucionalmente é definida disciplinariamente, mas que, intelectualmente, opera essencialmente a partir de padrões multi- ou transdisciplinares¹³. Surpreendentemente, os dados mexicanos mostram um padrão de citações em que as contribuições dos autores nacionais são, relativa mas notavelmente, mais equilibradas do que a respeito dos estrangeiros. Obviamente, deve ser levado em consideração que o conjunto de autores «nacionais» é diferente tanto para o México quanto para o Brasil, enquanto o conjunto de autores «estrangeiros» tende a ser o mesmo.

Na Tabela N° 2, que seguiu o mesmo formato e procedimentos de coleta e sistematização¹⁴ de dados utilizados no caso brasileiro, apresenta-se o resultado da coleta de citações de autores nacionais e estrangeiros nas teses mexicanas de mestrado e doutorado em comunicação¹⁵.

13. Tendência que aparentemente está sendo compartilhada, na atualidade, por muitas outras “disciplinas” científico-sociais e humanas.

14. Excetuando o período, que no caso mexicano refere-se a uma década (1996-2005). O tamanho desproporcionado das estruturas mexicanas e brasileiras no campo da comunicação, que ultrapassa a relação 1:10, impõe parâmetros “de escala” nas comparações. Contudo, isto não representa um obstáculo para os fins do projeto.

15. Em 380 teses mexicanas foram achadas 33.577 referências bibliográficas. Para tornar efetiva a comparação com os dados brasileiros (apontados anteriormente) foi determinada uma média geral de 88,3 citações por tese (menor do que a obtida por Romancini: 99,2), com 244,5 nas teses de doutorado (bem por cima da média de 153,3 no Brasil) e 73,0 nas teses de mestrado (praticamente equivalente com a brasileira: 73,5). Do outro lado, contrastando com 61% de citação a livros nas teses brasileiras, nas mexicanas a proporção foi a razão de 49 %.

TABELA Nº 2

Autores mais citados dentro de um *corpus* de 380 teses de mestrado e doutorado mexicanas (1996-2005)

N.	Autores nacionais	Cit.	Autores estrangeiros	Cit.
1	OROZCO GÓMEZ, Guillermo	356		
2			BOURDIEU, Pierre	331
3			MARTÍN BARBERO, Jesús	255
4	FUENTES NAVARRO, Raúl	232		
5	SÁNCHEZ RUIZ, Enrique E.	198		
6	GARCÍA CANCLINI, Néstor	190		
7			GIDDENS, Anthony	160
8			THOMPSON, John B.	137
9			ECO, Umberto	132
10			MATTELART, Armand	131
11	GIMÉNEZ M., Gilberto	116		
12			HABERMAS, Jürgen	115
13	GALINDO CÁCERES, Jesús	112		
14	LOZANO RENDÓN, J. Carlos	111		
15			JENSEN, Klaus Bruhn	104
16	REGUILLO CRUZ, Rossana	97		
17	GONZÁLEZ SÁNCHEZ, Jorge	96		
18			BARTHES, Roland	95
19	TREJO DELARBRE, Raúl	92		
20			CASTELLS, Manuel	90
21			FOUCAULT, Michel	88
			VAN DIJK, Teun A.	88
23	FERNÁNDEZ C., Carlos	75		
24			WOLF, Mauro	74
25			LUCKMANN, Thomas	73
26	ESTEINOU MADRID, Javier	68		
27			BERGER, Peter	66
28			GUBERN, Román	64
			LULL, James	64
30			MCCOMBS, Maxwell	62
31	ACEVES G., Francisco de J.	61		
			GEERTZ, Clifford	61
33	MONSIVÁIS, Carlos	59		
			MORLEY, David	59
35			MARTÍN SERRANO, Manuel	57
36			FREUD, Sigmund	54
37	CERVANTES B., Cecilia	53		
			ROGERS, Everett M.	53
39			MCQUAIL, Denis	52
			MORAGAS I SPA, Miquel de	52
41			MCLUHAN, Marshall	51
42			MORIN, Edgar	49
			WOLTON, Dominique	49
44			SARTORI, Giovanni	47
45	GÓMEZ MONT, Carmen	46		
			TAYLOR, S. J. y BOGDAN, R.	46
47			LUHMANN, Niklas	45
			PIAGET, Jean	45
	TOUSSAINT A., Florence	45		
50			ADORNO, Theodor W.	44
	CHARLES CREEL, Mercedes	44		
	CROVI DRUETTA, Delia	44		
			PRIETO CASTILLO, Daniel	44
54	FERNÁNDEZ C., Fátima	43		
			FUENZALIDA, Valerio	43
			MATTELART, Michèle	43
			RICOEUR, Paul	43

Para efetivar a comparação, os nomes dos autores mais citados foram considerados até muito mais além dos cinquenta em cada país, pois dependendo da fixação do limite inferior, as proporções dos autores nacionais e estrangeiros, mudam. A partir disso, chama a atenção que apenas 1 de cada 5 (11/55) dos autores mais citados no Brasil seja nacional (20%) enquanto no México essa proporção (35%) é de mais de três (20/57). E é especialmente surpreendente que dentre os dez autores mais citados no Brasil não há nenhum brasileiro, enquanto que dentre os dez autores mais citados no México, encontram-se quatro mexicanos. Sendo que os limites superior e inferior do número de citações fixados é comum para ambos os países, podem ser somadas as referências a autores nacionais e estrangeiros, e obter-se uma comparação «ponderada» desse segmento dos autores citados: a proporção de citações entre autores nacionais e estrangeiros no Brasil é de 1:6,37 (770/4906), enquanto no México resulta de 1:1,43 (2138/3066).

Outro dado evidente que se deduz da comparação é que dentre os autores estrangeiros no Brasil, aparece em oitavo lugar um autor mexicano (Néstor García Canclini¹⁶), que por sinal, ocupa o sexto lugar na tabela de referências do México, onde vários autores brasileiros ficaram perto do limite inferior¹⁷. Além do caso destacável de García Canclini, não se percebe outra coincidência entre os autores mexicanos e brasileiros incluídos nestas relações de autores mais citados no México e no Brasil. Todavia, distingue-se uma ocorrência interessante a respeito dos dois pesquisadores, estrangeiros em ambos os países, mais freqüentemente citados: Jesús Martín Barbero, terceiro mais citado tanto no México quanto no Brasil¹⁸, e Manuel Castells, ocupando o 13º lugar no Brasil e o 20º no México. Outros autores de adscrição ibero-americana (o seja, estrangeiros, mas de alta identidade tanto lingüística quanto regional) são: os espanhóis Román Gubern, Manuel Martín Serrano e Miquel de Moragas, o argentino Daniel Prieto Castillo e o chileno Valerio Fuenzalida no México, e os portugueses Adriano Duarte Rodrigues, Boaventura Souza Santos e Nelson Traquina, e o argentino Eliseo Verón no Brasil.

Dentre os estrangeiros, tanto no México quanto no Brasil, outros quinze autores aparecem nas listas dos mais citados em ambos os países (além do Martín Barbero, García Canclini e Castells): os francófonos Roland Barthes, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Armand Mattelart, Michèle Mattelart, Edgar Morin e Dominique Wolton; os alemães Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas e Sigmund Freud; os anglo-saxões Anthony Giddens, Marshall McLuhan e John B. Thompson; e os italianos Umberto Eco e Mauro Wolf. É curioso assinalar que nesta lista composta não apareça, dentre dos 18 nomes, nenhum autor dos Estados Unidos¹⁹. De fato, em ambos os países, é espantoso o predomínio

16. Se bem que Néstor García Canclini nasceu na Argentina, ele tem desenvolvido quase toda a sua trajetória acadêmica no México, país onde trabalha atualmente. O critério adotado tanto no México quanto no Brasil para adscriver as pessoas a essas categorias, não é da ordem demográfica mas da produção acadêmica. Em vista disso, são também considerados como nacionais no México, Gilberto Giménez e Delia Crovi, nativos de Paraguai e Argentina, respectivamente.

17. Maria Immacolata Vassallo de Lopes com 42 citações, Octavio Ianni com 29, Renato Ortiz com 23, e José Marques de Melo com 20.

18. E ocupando o segundo lugar no conjunto, só depois do Pierre Bourdieu, se forem somadas as citações de ambos os países. Jesús Martín é considerado estrangeiro no México embora ele tenha sido professor titular no ITESO entre 2001 e 2004.

19. Embora na lista mexicana conservem um lugar James Lull, Maxwell McCombs, Clifford Geertz e Everett M. Rogers, e na brasileira, Charles Sanders Peirce, Fredric Jameson e Philip Kotler.

de autores de origem européia (franceses, alemães, britânicos e, sobretudo, italianos), fato seguramente em boa parte decorrente das políticas de tradução das editoras (tanto comerciais quanto universitárias) que tem difundido amplamente a obra desses autores tanto em espanhol quanto em português, se bem que também tenha sido feito com as norte-americanas²⁰.

Certamente, a hipótese da «base comum» formulada por Romancini ganha muito sentido quando identificarmos que é consideravelmente maior a contribuição, da maior parte dos autores citados, em termos de «compreensão do mundo contemporâneo» e de «teoria social» do que em termos de indagação de fenômenos comunicacionais em si mesmos. Essa premissa não é tão sustentável assim para a maioria dos autores nacionais de ambos os países, sejam ou não acadêmicos diretamente vinculados com os programas de pós-graduação em comunicação. Do outro lado, as diferenças na localização das citações (por conta das universidades, que sustentam programas diferenciados e possuem diferentes tradições acadêmicas nos seus corpos docentes; mas ainda também, devido às sub-áreas temáticas ou sub-especializações de pesquisa das teses) podem constituir-se numa chave que permita avançar no (re)conhecimento dos factores que incidem na (negativa) fragmentação ou na (positiva) diversificação e especialização do campo acadêmico da comunicação.

Tanto no México quanto no Brasil, os autores nacionais que são professores (e diretores ou orientadores de teses e dissertações) nos programas de pós-graduação em comunicação, tendem a ser mais citados na sua própria instituição do que noutras. Contudo, em ambos os países, a distribuição das citações deste tipo particular apresenta tendências ambivalentes que precisam ser estudadas com maior profundidade para determinar se as citações endógenas (dentro do próprio programa) predominam sobre as citações «nacionais» ou as «de área» temática de especialização; se podem indicar fortalezas (ou fraquezas) na formação de novos pesquisadores (tutoria, a semelhança das disciplinas científico-naturais) ou fortalezas (e fraquezas) na consolidação de linhas trans-institucionais de conhecimento. Romancini avança ainda mais um pouco na sua análise:

Há um equilíbrio entre citações externas e internas e quando se nota que os Programas que possuem mais autores entre os mais citados são geralmente mais influentes que os novos e, ao mesmo tempo, têm índices expressivos de citações internas esses dados parecem possuir correlação. Por outro lado, poder-se-ia apontar uma série de jovens lideranças da pesquisa, em posições intermediárias. Elas disputam o capital científico nesse momento e, assim, é possível pensar que ocorre uma competição positiva do ponto de vista da estruturação do campo científico em comunicação (Romancini, 2006: 252).

20. Essa é uma dimensão extremamente importante para analisar a estruturação do campo acadêmico da comunicação, ainda não devidamente explorado. Um marco de economia política para a pesquisa das indústrias editoriais revela-se necessário para compreender acabadamente o campo acadêmico da comunicação, logo, será de extrema utilidade o modelo fornecido pelo John B. Thompson no seu mais recente livro (Thompson, 2005).

21. A pesar de que no México não existe uma categoria equivalente de “sub-áreas”, para atender os propósitos analíticos e comparativos, pode ser induzida uma classificação temática das teses de pós-graduação, conforme o caso brasileiro.

22. Lucia Santaella, Muniz Sodré, Octavio Ianni, José Marques de Melo, Arlindo Machado, Ciro Marcondes Filho, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Antonio Fausto Neto, que aparecem dentre os 15 mais citados em quatro ou mais das sub-áreas, encontram-se “em posições mais ou menos dominantes constituindo o núcleo disciplinar da Comunicação no Brasil” (Romancini, 2006: 254). O único autor nacional que, sem ter ligação direta com os programas de pós-graduação, é citado em todas as sub-áreas, é o Renato Ortiz.

23. Michel Foucault, Umberto Eco, Edgar Morin, Pierre Lévy, Jesús Martín Barbero, Stuart Hall, Roland Barthes, Néstor García Canclini, Manuel Castells, Pierre Bourdieu e Armand Mattelart, aparecem citados em quatro ou mais das sub-áreas.

Romancini também considera relevante refletir sobre “o papel «transversal» e conformador da área dos autores mais citados pelas teses e dissertações, e as implicações em termos de interação científica disso” (2006: 252). Para tal, analisa a distribuição das citações nas seis sub-áreas da comunicação: Ciberculturas e Tecnologias da Comunicação; Comunicação Audiovisual: Cinema, Rádio e TV; Comunicação Organizacional, Relações Públicas e Propaganda; Jornalismo e Editoração; Mediações e Interfaces Comunicacionais; e Teorias da Comunicação²¹. Entre os autores nacionais associados diretamente a programas de pós-graduação, detecta um maior número de professores “com grande capacidade de obter reconhecimento em todas as sub-áreas”²², do que autores muito citados numa sub-área só e que poderiam identificar-se como líderes de “programas de pesquisa”. Vários autores estrangeiros aparecem também “transversalmente” na maioria das sub-áreas²³.

Romancini conclui sua análise sobre a bibliografia das teses e dissertações (parte final da sua pesquisa doutoral) colocando um questionamento interpretativo que traz chaves de continuidade (e de comparação) de grande interesse:

Ora, assim, reforça-se ainda mais um possível modo de constituição interdisciplinar da comunicação como campo científico? Ou o que se visualiza é, sobretudo, a dependência e falta de contato com pesquisadores em Comunicação de outros países, com os quais o grupo poderia interagir, talvez de modo mais produtivo. Esse falta de contato seria expressa aqui pelos dados que mostram que os autores mais citados não são, na maioria, “tipicamente comunicacionais”. Embora a expressão seja um tanto problemática, creio que é possível dizer que autores muito citados e que aparecem em várias subáreas, como Martín-Barbero, Mattelart e Canclini possuem um relacionamento mais próximo com a comunicação do que outros. A questão de como se dá a incorporação dos autores ao léxico da comunicação demandaria uma abordagem mais qualitativa do que a nossa, porém, nossa pesquisa sugere hipóteses e indagações a esse respeito. (Romancini: 2006: 258).

FATORES E PROCESSOS DE ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO ACADÊMICO

Como vem acontecendo com quase qualquer especialização de pesquisa da comunicação, em qualquer parte do mundo, na meta-pesquisa da comunicação os (cada dia mais complexos) objetos construídos parecem limitados face ao rápido avanço dos (polêmicos) marcos teórico-metodológicos e epistemológicos e, sobretudo, diante a incessante mudança de seus referentes empíricos. Embora as instituições (acadêmicas, neste caso) conservem um alto grau de

estabilidade relativa, os processos de institucionalização, profissionalização e legitimação estão em constante tensão e movimentação, impulsados por muitos diversos agentes sociais desde muito diversas escalas de estruturação, entre as quais as nacionais deixam de ser progressivamente as únicas ou as principais determinantes, e portanto, devem deixar de ser o único ou o principal horizonte de questionamento e de ação.

Esta premissa básica, na pesquisa do campo acadêmico da comunicação, pode ser útil para indagar de uma forma cada vez mais acurada e sistemática, o porquê em ambientes institucionais muito diferentes (como o sistema acadêmico brasileiro e o mexicano), e com histórias e culturas bem diversas (tal como as que distinguem as universidades ou os países) manifestam-se condições e desafios comuns, às vezes identicamente formulados, como a preocupação crítica pela constituição científico-acadêmica do estudo da comunicação, que no plano institucional cresce continuamente, enquanto no plano intelectual continua sendo um campo sub-desenvolvido. Durante um seminário brasileiro, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, sintetizou com lucidez o sentido desse questionamento (e ação investigativa):

Uma das marcas distintivas dos atuais estudos no campo da comunicação é o aumento das análises auto-reflexivas, ou seja, das críticas à própria prática de pesquisa. Estas não são apenas úteis mas indispensáveis, uma vez que traduzem a reflexão de uma ciência sobre si mesma, esclarecendo seu campo de atuação, seus procedimentos, o valor de seus resultados e o âmbito da suas possibilidades. Se, por um lado, essas análises são sinais de amadurecimento do campo da comunicação, do outro, manifestam uma insatisfação generalizada com o estado atual do campo e a urgência de repensar seus fundamentos e de re-orientar o exercício de suas práticas de pesquisa. Em vista disso, é preciso avançar nas discussões reflexivas e no trabalho sistemático de reconhecimento das condições concretas e específicas de nossa prática científica, feitas de tensões entre tradições e inovações intelectuais, de convergências e divergências entre categorias, esquemas conceituais e noções, de perspectivas multi, inter e trans-disciplinárias, da consciência crescente da complexidade do objeto da comunicação (Lopes, 2003: 10).

O projeto de pesquisa, do qual este artigo é apresentado como continuidade, pretende não apenas contribuir para novas representações da constituição científica do campo acadêmico da comunicação no México e no Brasil, provisórias e discutíveis como todo produto científico, mas também, e ao tempo, fortalecer as interações pertinentes entre agentes acadêmicos reflexivos, pois, se

P

Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós graduação em comunicação no Brasil e no México: uma aproximação da análise comparativa

no dizer do Bourdieu, “a definição do que é colocado em jogo na luta científica faz parte da luta mesma” (2000:20), é então indispensável reconstruir desde a sua origem as definições envolvidas na contenda, e observar em que medida e de que forma sua formulação e institucionalização dependem de agentes de poder internos e externos. Para o campo acadêmico da comunicação, cuja constituição é tão recente quanto incipiente, e devido às suas pretensões de cientificidade (com o seu fundamento válida), essas questões seguem, sem dúvida alguma, abertas e exigem com total pertinência tanto indagação histórica quanto também a exploração empírica nos diversos níveis, das marcas que as condições de produção vão imprimindo nos produtos acadêmicos (como as teses e dissertações) que desenvolvem e difundem essas noções.

REFERÊNCIAS

- ASLAMA Minna, Kalle SIIRA, Ronald RICE and Pekka AULA (2007): *Mapping Communication and Media Research in the US*. Helsinki: Communication Research Centre, University of Helsinki.
- BOURDIEU, Pierre (1983). O campo científico. In *Pierre Bourdieu* (Renato Ortiz, org.). São Paulo: Ática, pp.122-155.
- (1988). *Homo Academicus*. California: Stanford University Press.
- (2000). *Los usos sociales de la ciencia*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- FUENTES NAVARRO, Raúl (2004): *La constitución científica del campo académico de la comunicación en México y en Brasil: análisis comparativo*. Protocolo de pesquisa apresentado ante o Comitê de Ciências Sociais do Fundo de Ciência Básica do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia.
- (2007a). Las marcas de la profesionalización avanzada: un acercamiento descriptivo a las tesis de maestría en comunicación del ITESO y de la UdeG a través de sus referentes bibliográficos. *Comunicación y Sociedad* No. 7 (Nueva Época). Guadalajara: Universidad de Guadalajara, pp.11-44.
- (2007b). La constitución científica del campo académico de la Comunicación. Un análisis comparativo México-Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* No. 5. São Paulo: Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación.
- GIDDENS, Anthony (1984). *The constitution of society. Outline of the theory of structuration*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- HICKS, Diana (2004). The four literatures of Social Science. In *Handbook of Quantitative Science and Technology Research*, Henk Moed (ed.), Kluwer Academic.
- JENSEN, Klaus Bruhn (1995). *The social semiotics of mass communication*. London: Sage.
- KOIVISTO, Juha & THOMAS, Peter (2007). *Mapping Communication and Media Research: Germany*. Helsinki: Communication Research Centre, University of Helsinki.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.) (2003). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola (Comunicação Contemporânea No.1).
- PUUSTINEN, Liina (2007). *Mapping Communication and Media Research: France*. Helsinki: Communication Research Centre, University of Helsinki.
- ROMANCINI, Richard (2006). *O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico*. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- SALOVAARA-MORING, Inka & KALLAS, Triin (2007). *Mapping Communication and Media Research: Estonia*. Helsinki: Communication Research Centre, University of Helsinki.
- THOMPSON, John B. (2005). *Books in the digital age. The transformation of Academic and Higher Education Publishing in Britain and the United States*. Cambridge: Polity Press.
- VALASKIVI, Katja (2007). *Mapping Communication and Media Research: Japan*. Helsinki: Communication Research Centre, University of Helsinki.

